

REVISTA **eduUCA**

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE CATÓLICA PAULISTA

V. 5 N. 14 Setembro de 2022

ISSN 2674-8460



FACULDADE
CATÓLICA
PAULISTA | EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

R454 REVISTA EDUCA - Revista Multidisciplinar da Faculdade Católica Paulista [recurso eletrônico] / [Editora chefe] Ausra Marão – Vol. 5, n. 14 (29-Setembro/2022) - Marília, SP: Editora Faculdade Católica Paulista, 2022

47 p.

Trimestral

Modo de acesso:

<<https://revista.uca.edu.br/index.php/EDUCA/issue/view/SET22/SET22>>

ISSN: 2674-8460 (on-line)

1 Pesquisa Científica. 2. Multidisciplinaridade. 3. Educação.

CDD: 001

Aline de Deus Ferreira- Bibliotecária CRB- 8/10195

Os Conceitos emitidos nesta revista são de inteira responsabilidade dos autores.

É proibida a reprodução total ou mesmo parcial desta obra sem prévia autorização dos autores.

SUMÁRIO

- 5** **A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS**
Rosemeire Aparecida de Oliveira Siliano Mineo, Vanessa Ribeiro, Francisco Ramirez Martins Junior
- 18** **A MÚSICA COMO PROCESSO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM**
Priscila Bueno Carvalho de Souza, Evelyn Francine de Andrade, Francisco Ramirez Martins Junior
- 35** **BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM: É POSSÍVEL APRENDER BRINCANDO?**
Cinthya De Cássia Gomes De Mello Rubio, Daniela Oliveira Araújo, Francisco Ramirez Martins Junior

EDITORIAL

“Por aprendizagem significativa, entendo, aquilo que provoca profunda modificação no indivíduo. Ela é penetrante, e não se limita a um aumento de conhecimento, mas abrange todas as parcelas de sua existência.” (Carl Rogers).

Assim como Carl Rogers, nós da Faculdade Católica Paulista entendemos que a aprendizagem não abrange apenas o aumento do conhecimento, mas sim, todas as experiências de ensino e de vivência dos alunos.

Nós incentivamos o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um dos nossos alunos com atividades que os levam diretamente à prática e aulas interativas semanais, onde debatemos assuntos atuais e damos voz ao aluno.

Nesta edição da revista edUCA, os artigos estão voltados para uma aprendizagem que provoca a profunda modificação no indivíduo por meios diferentes de ensino.

Boa leitura!

Profa. Evelyn Andrade

Coordenadora dos Cursos de Gestão

CONSELHO EDITORIAL

Ausra Marão
Lucas Pauli Simões
Ana Patrícia Aranha de Castro
Ricardo Zanni Mendes da Silveira
Caio Prestupa Malta Rolim

EDITORA CHEFE

Ausra Marão

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO DE TEXTOS

Ausra Marão
Aline de Deus

PROGRAMAÇÃO VISUAL E PROJETO GRÁFICO

Ausra Marão

COPYRIGHT

Revista EDUCA - Revista Multidisciplinar da Faculdade Católica Paulista
ISSN 2674-8460
Faculdade Católica Paulista
(29-Setembro/2022) - Marília, SP

Publicação trimestral e multidisciplinar vinculada à Faculdade Católica Paulista.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.



A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS

Rosemeire Aparecida de Oliveira Siliano Mineo¹

Ma. Vanessa Ribeiro²

Me. Francisco Ramirez Martins Junior³

RESUMO: Este artigo dá início a um roteiro de estudos e pesquisas a respeito da importância do ensino da língua estrangeira na Educação Infantil e séries iniciais. A língua inglesa na Educação Infantil não faz parte da base curricular comum nacional, mas a necessidade de falar uma segunda língua, em virtude da globalização e da evolução rápida da tecnologia, tem sido determinante para que o aluno entre em contato com o aprendizado ainda na infância. A interação e socialização no mundo moderno e um melhor entendimento deste mundo através do domínio de uma Língua Estrangeira são ideias que se resumem em pretensão e desejo explicitados nos PCNs, que destacam a importância da aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Educação Infantil. Séries iniciais.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem se transformado nos últimos anos em decorrência de vários fatores, dentre os quais, as novas tecnologias digitais e a globalização. O número de crianças que iniciam a vida escolar cada vez mais precocemente apresenta a necessidade de serem preparadas. Para acompanhar tais mudanças é preciso pensar em currículo de Língua Inglesa para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental e reconhecer que essa é uma prática adotada em um número cada vez maior de escolas particulares e públicas em grandes cidades brasileiras, e assim, criarmos e discutirmos projetos de implementação de ensino de uma língua estrangeira em creches e em outras instituições da Rede Pública.

Tendo em vista tais necessidades, a seguir analisaremos alguns pressupostos teóricos sobre concepções de desenvolvimento humano infantil que podem contribuir para a construção de um documento curricular que servirá de referência para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental considerando que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 2013, o ensino do inglês tornou-se obrigatório a partir do 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos e que a

¹ Autor: Licenciada em Letras pela Unisantanna. Licenciada em Pedagogia pela Univone. Coordenadora Pedagógica da SME/SP. E-mail: rosemeire.mineo@gmail.com

² Orientador: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP-FCC -Marília-SP. E-mail: vanessa.ribeiro@uca.edu.br

³ Coorientador: Diretor Acadêmico da Faculdade Católica Paulista (UCA). Mestre em Comunicação. E-mail: francisco.ramirez@uca.edu.br

língua inglesa já contempla a grade curricular 1º ao 4º ano da rede de ensino. As orientações contidas nos PCNs e a visão de pesquisadores servirão de base para que professores e educadores tenham um olhar sobre as necessidades de aprendizagem das crianças, em cada fase de seu desenvolvimento cognitivo e as metodologias e práticas de ensino necessárias na atuação do docente em sala de aulas, para atender as demandas da faixa etária de 03 aos 10 anos de idade, respeitando as características de aprendizagem próprias da infância, em que o lúdico se faz presente e desperta o interesse pela aprendizagem e a interação dos alunos com o grupo.

2 TEORIAS QUE RELACIONAM APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Para Vygotsky (2007) a aprendizagem seria um processo puramente externo, que não participa ativamente do desenvolvimento, nem o modifica, não é em si mesma desenvolvimento, mas que este último se consegue graças a uma correta organização da “dita aprendizagem”.

Em síntese, a característica fundamental da hipótese levantada por Vygotsky (2007) é a noção de que os processos evolutivos não coincidem com os processos de aprendizagem. A criança nasce dotada de funções psicológicas elementares, tais como reflexos e atenção involuntária. Com o aprendizado cultural, com informações intermediadas por quem as “educa”, as crianças serão reelaboradas em uma linguagem interna, caracterizando assim, as funções psicológicas superiores: o criar, elaborar o próprio discurso e reelaborar o discurso do outro.

A escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem. O professor tem o papel de interferir no processo, diferente de situações simples nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente promover o avanço dos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal. A zona de desenvolvimento proximal é um domínio psicológico em constante transformação, sendo assim, se hoje algum indivíduo precisa de ajuda para executar uma tarefa, num futuro próximo será capaz de executá-la sozinho.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar zonas de desenvolvimento proximal; ou seja,... desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente (na interação entre) pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente. (VYGOTSKY, 2007, p. 225).

Como fator relevante para a educação, decorrente das interpretações das teorias de Vygotsky, há importância da atuação dos outros componentes do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura é essencial no processo de

desenvolvimento. Isso nos mostra os processos pedagógicos como intencionais, deliberados, sendo o objeto dessa intervenção a construção de conceitos.

A partir desse conceito, chega-se a determinadas conclusões pedagógicas:

- O processo é mais importante que o produto;
- O professor desempenha o papel de mediador entre aluno e conhecimento, e não apenas o de mero transmissor de conhecimentos;
- A aprendizagem não é um ato solitário, mas de interação com o outro;
- A aprendizagem exige planejamento e constante reorganização por parte da escola;
- A reorganização de experiências deve levar em conta quanto de colaboração o aluno ainda necessita para poder produzir determinadas atividades de forma independente;
- O diálogo deve ser permanente, permeando o trabalho escolar;
- A ideia de que a classe deve ser homogênea é abandonada.

No “Sócio Construtivismo” a importância da relação mútua do homem com o meio, opõe-se a teoria empirista e racionalista.

A empirista considera que a evolução da inteligência é produto apenas da ação do meio sobre o indivíduo, parte do pressuposto da “racionalidade” em que já nascemos com a inteligência pré-formada e assim Vygotsky (2007) diz que o meio é revestido de significados culturais, que não tem sentido em si e sim a partir da importância que o meio lhe dá. Segundo o autor é a aprendizagem que gera o desenvolvimento mental.

A prioridade da escola é fazer com que os conceitos espontâneos que a criança aprende no convívio social evoluam para o nível dos conceitos científicos.

O professor é para Vygotsky o condutor do processo de aprendizagem, ele age como animador/facilitador para descobertas que os alunos realizam.

Vygotsky construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do sujeito como resultado de um processo sócio histórico, enfatizando o papel da linguagem e aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social. Seu ponto central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio.

3 FASES INFANTIS

O texto tem o propósito de situar professores e educadores sobre os diversos momentos da fase das crianças. Através dele podemos adquirir dicas para desenvolver o trabalho com elas.

A criança de 6 anos: Deve-se trabalhar de forma lúdica; não influenciar e estimular a competição, pois ela não consegue aceitar a ideia de perder. Precisam de ajuda para aprender a lidar com a “derrota” em algumas atividades. Tem um crescente valor pela amizade, estabelece vínculos com certa facilidade. Aprendem facilmente observando os adultos. Uma boa maneira para se trabalhar é através de jogos e brincadeiras. Devemos mostrar que ser egocêntrico é ruim para elas e para os demais que as cercam. Muitas crianças anseiam por elogios e congratulações; deve-se assim, ao final das atividades, elogiar o desempenho com palavras e atitudes confortantes.

A criança de 7 anos: Começa a definir seus interesses pessoais, tem a possibilidade de introduzir o mundo em seu interior. Adquirem um aspecto mais definido, desenvolvem sua personalidade. A criança precisa sentir confiança em si mesmo e nos outros. Elogiar ou reprovar as atitudes dela é necessário, pois nessa idade querem sempre ganhar. Essa fase é um bom momento para o início da leitura na segunda língua que está sendo introduzida. Na área intelectual está em plena fase intuitiva e suas deduções não devem ser menosprezadas pelos adultos. A criança cobra muito de si mesma. O professor deve relevar a demora que ela tem para desenvolver alguns problemas. Trabalhar com o auxílio de alguns monitores é muito importante, pois a criança obterá a atenção que espera receber.

A criança de 8 anos: Assimila rapidamente conhecimentos e habilidades; observa e se compara às demais, dão prioridade para trabalhar com crianças do mesmo sexo. Tem interesse por exercícios dedutivos e de repetição. Passam a analisar os padrões de comportamento ensinados pela família e pela sociedade. O trabalho com atividades que explorem o desenvolvimento dos cinco sentidos é muito satisfatório, deve-se explorar atividades como teatro e dramatizações já que se sentem o centro das atenções. O envolvimento da família nas atividades “projetos” propostos é importantíssimo, pois a criança possui uma grande identificação com a família.

A criança de 9 anos: começa o desenvolvimento físico, preocupam-se com o que os outros pensam. Começam a se envolver com pessoas que compartilham do mesmo pensamento. Muitas vezes, pré-adolescentes sentem-se rejeitados pela sociedade, isso pode desencadear problemas psicológicos. Concentram-se um tempo maior na resolução de problemas. Procura sempre agradar. Utiliza situações do cotidiano para explicar algo pois, assimilam mais facilmente; gostam de si. Deve-se trabalhar em grupos menores, assim a criança consegue participar e expor suas opiniões. Praticar a linguagem corporal, pois isso evita a exposição perante os colegas.

A criança de 10 anos: Utiliza a música como uma forma de expor seus movimentos. Preocupa-se com a maneira que os outros a vê. Quer chamar toda a atenção para si. Começa a enxergar as coisas de uma maneira mais concreta, deixa de lado o pensamento de “mundo e pessoas perfeitas”, tendo assim um pensamento mais racional, com uma finalidade, uma consciência social. O envolvimento

com atividades de adivinhação, combinação, é bem-vindo, pois apresenta facilidade de memorizar, classificar e identificar coisas simples. Trabalhar com diferentes culturas e realidades ao redor do mundo, pois tem interesse por questões sociais.

4 OS PCNS DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

A publicação dos PCNs (BRASIL, 1998, p. 50) do ensino fundamental listou os “Objetivos Específicos do Ensino da Língua Inglesa”. Com base no princípio da transversalidade, o documento sugere uma abordagem sociointeracionista para o ensino de Língua Estrangeira. A aprendizagem de uma língua estrangeira envolve a percepção da aquisição de um produto cultural complexo, que considere entre outros aspectos:

- Compreender a cidadania e a participação social política, exercendo direitos e deveres políticos, civis e sociais, e assim através do diálogo mediar conflitos e posicionar-se de maneira crítica em situações sociais.

- Conhecer características sociais e culturais do Brasil. Valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural, aspectos socioculturais de outros povos e nações, a percepção de sua importância transformadora como integrante do ambiente, desenvolvimento do conhecimento de si e de suas aptidões e capacidades, para agir na busca de conhecimento e exercício da cidadania.

- O uso das diversas linguagens verbais, musical, plástica, corporal para produzir e comunicar suas ideias.

- Desenvolver a leitura e a interpretação de textos (histórias, fábulas contos...) são considerados competências básicas e primordiais no ensino de Língua Estrangeira. Colocar-se como protagonista na produção e recepção destes textos.

- Saber apropriar-se de diferentes meios de pesquisa, informação em busca do saber, desenvolvendo a capacidade de análise crítica, utilizando o pensamento lógico, a criatividade e a intuição. A aplicação desta habilidade às tecnologias de informação, ampliando a busca de informação em outro idioma tão presente hoje em jogos e sites da internet.

A instituição de educação infantil tem papel socializador e sua função é desenvolver a identidade da criança através de aprendizagens diversas.

Os objetivos citam intenções educativas e estabelecem capacidades que as crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor e auxiliam na relação de conteúdos e meios didáticos. Sua definição, referente à capacidade, tem como visão ampliar a possibilidade de concretizar as intenções educativas.

Ao estabelecer objetivos desta forma, o professor amplia as possibilidades de atender a diversidade de cada criança, podendo considerar as diferentes habilidades, interesses e maneiras de aprender no desenvolvimento de cada uma dessas capacidades.

A educação tem como função criar para a criança condições para seu desenvolvimento, contudo, para que isso ocorra, é preciso uma ação que propicie o desenvolvimento de tais capacidades, envolvendo as de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social e, desse modo, desenvolvam uma imagem positiva de si, considerando as possibilidades de aprendizagem nas diferentes faixas etárias.

A criança atuará de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações e ao mesmo tempo, descobrindo e conhecendo progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar.

Também é altamente significativo que a criança desenvolva e estabeleça vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima, e ampliando suas possibilidades de comunicação e interação social, ampliando cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração, observando e explorando o ambiente com atitude de curiosidade, tornando-se agente transformador do meio com atitudes que contribuam para sua conservação.

A criança ao brincar, deve expressar emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades e utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) de acordo com as diferentes intenções e situações de comunicação, conforme as suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo sua capacidade expressiva. Conhecendo algumas manifestações culturais, despertando interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade. Contudo, os objetivos serão alcançados se houver seleção de conteúdos que auxiliem o desenvolvimento de cada capacidade.

De acordo com os “Parâmetros Curriculares”, “O ensino de uma língua na escola tem papel importante à medida que permite aos alunos entrar em contato com outras culturas, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade” (BRASIL, 1998, p.54).

Entretanto, a realidade é um pouco diferente: tentando facilitar a aprendizagem, os conteúdos estão organizados de maneira extremamente simplificada, concentrando-se em diálogos pouco significativos ou descontextualizados.

Os PCNs propõem que, se entendemos a linguagem como prática social, como possibilidade de compreender e expressar opiniões, valores e sentimentos, deve-se desenvolver com os alunos um trabalho que:

Possibilite confiar na própria capacidade de aprender, em torno de temas de interesse e interagir de forma cooperativa com os colegas. As atividades em grupo podem contribuir significativamente no desenvolvimento desse trabalho, à medida que, com a mediação do professor, os alunos aprenderão a compreender e respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem (BRASIL, 1998, p.54).

Para isto, faz-se necessário que o professor intervenha neste processo, garantindo que o aluno conheça o objetivo da atividade, reconheça os problemas que a situação apresenta e seja capaz de resolvê-los, criando situações didáticas com objetivos e determinações claras, para que os alunos possam tomar decisões, pensar, selecionar e trabalhar de forma coerente os conteúdos. As atividades propostas necessitam garantir organização e adaptação às reais possibilidades, de forma que cada uma não seja nem muito difícil nem exageradamente fácil.

Já os objetivos explicitam intenções educativas e estabelecem capacidades que as crianças poderão desenvolver como consequências de ações intencionais do professor e auxiliam na relação de conteúdos e meios didáticos. Definindo em termos de capacidade, visa ampliar a possibilidade de concretização das intenções educativas. Ao estabelecer objetivos nesses termos, o professor amplia suas possibilidades de atendimento à diversidade apresentada pelas crianças, podendo considerar diferentes habilidades, interesses e maneiras de aprender no desenvolvimento de cada capacidade.

5 ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL

O título destaca a persistência em focalizar a relevância do professor de inglês, tomar consciência do mundo em que está situado. E essa questão é fundamental em um mundo globalizado, onde os discursos majoritariamente são escritos em inglês, regidos pelo capitalismo norte-americano e influenciam a tudo e a todos.

Se a educação tem como meta transformar o mundo de modo a agir politicamente, é crucial que todo professor entenda o mundo em que vive, ou seja, os processos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais. Não se pode transformar o que não se entende. Somente compreendendo do que se vive há vida política. Devemos atuar em sala de aula por meio de uma grande percepção do momento sócio-histórico que vivemos para situar nossa política e situar nossos alunos. Com o entendimento dessa situação sócio-histórica é que ocorre a compreensão do mundo em que se vive.

Com os avanços tecnológicos, hoje se vive mais e melhor, com chances de realizações individuais e sociais, mas muitos são excluídos desses avanços por limitações econômicas. Exclusão é sinônimo contemporâneo para pobreza, num mundo onde as desigualdades aumentam grandiosamente, contudo a Nova Ordem Mundial tem primordial significado no processo de ensino-aprendizagem do inglês, para todos os educandos.

A educação linguística em geral e especificamente em inglês, tem papel fundamental na luta para diminuir as diferenças que distanciam os grupos sociais, contudo, a necessidade do ensino de inglês tem que ser avaliada por uma perspectiva crítica em relação ao papel que essa língua representa hoje em dia.

A exclusão digital tem sido uma das grandes preocupações de governos nos vários níveis no Brasil e em várias partes do mundo. Mas a exclusão linguística precede a exclusão digital. Não basta dotar as escolas públicas com computadores, é preciso instrumentar alunos e professores para que possam operar em redes de comunicação.

As classes médias no Brasil e em outras partes do mundo já compreenderam a importância do letramento em língua inglesa, os cursos particulares de inglês no país são inúmeros e estão cheios de alunos, seja nas grandes ou pequenas cidades.

Porém, para que ocorra a inclusão digital é preciso que antes aconteça a inclusão linguística. Assim, aumentar o aprendizado e o uso do inglês constitui um dos grandes desafios da educação contemporânea e para que se possam ver as diferenças sociais serem minimizadas.

São necessárias, em contextos brasileiros, a formação e capacitação de professores de inglês, de elaboração de programas de ensino e de material didático, assim como sobre os processos de aprendizagem, para que se possa, ao dar acesso crítico a essa língua, ensinar a criticar o mundo globalizado.

A pesquisa nesse campo é necessária, já que a tradição do ensino de inglês como língua estrangeira está na contramão dessa visão, ensinando a língua de forma desvinculada das questões sociais, culturais, históricas e político – econômicas.

É claro que os processos educacionais e suas relações com a transformação social são complexos e a educação em inglês não é o único “remédio” para alterar as desigualdades sociais que muitos enfrentam no mundo. Contudo, certamente é um dos caminhos que temos que trilhar para enfrentar tal objetivo. Aumentar a qualidade da educação linguística no Brasil (não só em inglês) é uma tarefa crucial para ir ao encontro das necessidades do mundo contemporâneo. O mundo globalizado é um mundo no qual a palavra é essencial para viver, trabalhar e aprender.

6 MÉTODOS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Segundo Ricardo Schütz (2012), autor do texto “O aprendizado de línguas ao longo de um século,” as metodologias do ensino de Língua Inglesa evoluíram consideravelmente ao longo da história de acordo com os grandes pensadores que estudam o tema. Assim como ocorreu há décadas atrás, os métodos para a aquisição de um segundo idioma ainda sofrem modificações.

O passado e o presente deste ensino são representados por três tipos de metodologias. Cronologicamente, são elas:

- Tradicional – ensino da gramática normativa e no incentivo à tradução literal, da memorização das regras gramaticais e do vocabulário aprendido, praticamente extinto. O professor é enfatizado como o detentor do saber, as aulas se tornam monótonas e desinteressantes, principalmente na Educação Infantil.

- Direto – aprendizado da nova língua por meio do contato direto com a mesma e com a exclusão da língua materna como ponto de apoio ou comparação. O professor continua sendo a fonte de conhecimento.

- Áudio lingual – metodologia que dá enfoque na audição e fala, ou seja, no ouvir e falar e somente depois na leitura e escrita. Ainda se encontra em fase de transição em algumas instituições e é conhecido por ser uma metodologia repetitiva e exaustiva para o educando, pois se baseia nas teorias behavioristas e no estruturalismo de Skinner e Saussure respectivamente. O professor é considerado o mediador do ensino e aprendizagem.

- Sociointeracionista – metodologia atual e pode surgir como sociocultural ou comunicativa. Abordagem defendida pelos PCNs para o ensino de língua estrangeira visa desenvolver a competência linguística através da comunicação e o uso da segunda língua parte do princípio da reflexão ao utilizar diferentes gêneros textuais. Até então se mostra ser a mais eficaz entre estas, afinal, está alicerçada em teorias sociointeracionista de pensadores contemporâneos como Vygotsky e Piaget, gerando assim uma aquisição mais natural e significativa para os estudantes.

Atualmente a maioria das instituições de ensino de língua estrangeira se utiliza desta última.

7 A RECEITA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Antonieta Celani (2003), pesquisadora brasileira, alerta para a importância de refletir sobre a prática em sala para substituir definitivamente os “métodos milagreiros” e da necessidade de reflexão quanto à prática em sala de aula, para que métodos eficientes no aprendizado da Língua Estrangeira sejam trabalhados com o aluno. A autora coloca que não importa a que público ou classe social se quer ministrar aula, desde que se leve em conta o contexto social de cada grupo de educandos e que o ensino de outra língua levará cada aluno a sociabilizar conhecendo outra cultura.

Tendo professores como mediadores, o aprendizado acontecerá de acordo com o meio em que se vive, o professor deve sempre estar atento às necessidades dos alunos, conhecer suas origens e trabalhar conforme a realidade de seus educandos. O aluno assimila lendo e escrevendo, pois em todo lugar existe um letreiro, o acesso à internet e o uso de palavras de Língua Estrangeira hoje faz parte da realidade dos alunos em sua comunicação diária.

Como cidadão, esse é um direito do educando para seu futuro com a necessidade de acesso ao mercado de trabalho e sua inclusão como sujeito no mundo.

A pesquisadora explica que acredita que a busca por resultados só mudará com a formação reflexiva. A capacitação, que prepara cada docente para avaliar a realidade na qual atua e aplicar princípios de ensino e aprendizagem que funcionem para o grupo de estudantes encontrados em cada sala de aula.

8 O LÚDICO NA APRENDIZAGEM

Aprendizagem lúdica, que é uma forma do educando aprender enquanto brinca, está entre os recursos didáticos e técnicos mais eficazes da prática educativa em qualquer faixa etária, (com um destaque aqui para os alunos em idade escolar na Educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental), nos mais diversos ambientes de ensino-aprendizagem. Sua aplicação em jogos, brinquedos, literaturas e artes, trazem um resultado imediato, variando no grau de dificuldade de idade para idade.

A música é um dos instrumentos mais comuns em sala de aula como método de aprendizagem, memorização, concentração e sociabilidade, que gera alegria e descontração, o que a faz ser muito empregada também em cursos de idiomas. Foi possível comprovar a eficácia deste método, no aprendizado de uma segunda língua durante as regências de aula do bimestre, pois o envolvimento da classe com os exercícios e a proposta de aprendizagem se deu de forma espontânea e participativa.

As situações de aprendizagem com a intervenção do professor são necessárias na instituição de educação infantil, para que as crianças possam em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, de objetos e brinquedos etc. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades na organização do trabalho educativo, dentre as quais destacamos:

- A interação com crianças da mesma idade e de idades diferentes em situações diversas como fator de promoção da aprendizagem, do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se;
- Os conhecimentos prévios de qualquer natureza, que as crianças já possuam sobre o assunto, já que elas aprendem por meio de uma construção interna ao relacionar suas ideias com as novas informações de que dispõem e com as interações que estabelecem;
 - A individualidade e a diversidade;
 - O grau de desafio que as atividades apresentam e o fato de que devam ser significativas e apresentadas de maneira integrada para as crianças e o mais próximo possível das práticas sociais reais;
 - A resolução de problemas como forma de aprendizagem.

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Uma das formas de propiciar essa troca é a socialização de suas descobertas, e que se dá quando o professor organiza as situações para que as crianças compartilhem seus percursos individuais na elaboração dos diferentes trabalhos realizados.

O âmbito social oferece ocasiões únicas para elaborar estratégias de pensamento e de ação, possibilitando a ampliação das hipóteses infantis. A interação permite que se crie uma situação de ajuda na qual as crianças avancem no seu processo de aprendizagem.

De acordo com as concepções de Vygotsky, uma prática pedagógica adequada perpassa não somente por deixar as crianças brincarem, mas fundamentalmente, por ajudar as crianças a brincar, brincar com as crianças e até mesmo a ensiná-las a brincar. A construção do conhecimento se dá através da interação entre sujeitos, mediadas por várias relações.

Ainda segundo Vygotsky (2007), os objetos, a organização do ambiente, o mundo cultural que circunda o indivíduo, pode representar o sujeito social. O sujeito não é apenas ativo, mas interativo, criando situações de ajuda nas quais as crianças avancem no processo de aprendizagem.

9 MANEIRAS DIVERTIDAS DE ENSINAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ensinar ao aluno um segundo idioma, diferente da língua materna, coincide com uma fase de mudanças físicas e emocionais do aluno, este momento representa uma ruptura da organização escolar e da interação professor-aluno. Tudo isto gera reações adversas e o aprendizado de um novo idioma está inserido neste contexto.

Recorrer à diversão nesta hora de aprendizagem da Língua Estrangeira é uma boa forma de deixar o ensino agradável e eficaz, focando em não valorizar demais o lúdico e esquecer os objetivos de aprendizagem do conteúdo.

Para despertar o interesse da turma e ser eficiente pedagogicamente, não é necessário recorrer a grandes recursos. Estes podem ser desenvolvidos em todas as séries, desde que se adaptem os conteúdos previstos no planejamento escolar de cada ano/série.

O artigo da Revista Nova Escola o autor Cavalcante (2022), “11 atividades para ensinar Língua Estrangeira”, propõe atividades relacionadas à realidade imediata dos educandos como destacamos a seguir: Contar História, Ler Texto Teatral, Cartões – Postais, Filmes, Músicas, Folheto Turístico, Palavra Cruzadas, Livro de Receitas, Jornal, Visitantes estrangeiros, Narrativa vira Diálogo.

Segundo a consultora Celina Bruniera (2022), os programas em Língua Estrangeira precisam ter como base o conhecimento linguístico, textual e de mundo do aluno e na hora de escolher os textos que serão trabalhados, deve-se optar primeiro por aqueles com informações familiares à turma.

Portanto, com atividades lúdicas bem planejadas, divertimos os alunos sem deixar de apresentar os conteúdos do programa e, com a mediação do professor, os alunos passam a respeitar atitudes, opiniões e ritmos diferentes de aprendizagem.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época.

A criança é um sujeito social e histórico pertencente a uma família inserida em uma sociedade de cultura própria e em um determinado tempo histórico.

Esta sociedade influencia o seu desenvolvimento, que embora tenha uma referência fundamental em sua família, seja ela biológica ou não, interage com outras instituições sociais.

As crianças possuem um jeito singular e próprio de pensar o mundo, e desde cedo revelam seu esforço para compreendê-lo através das brincadeiras onde explicitam as situações que vivenciam na sociedade. Durante a construção do conhecimento as crianças utilizam-se de diferentes linguagens e utilizam sua capacidade para desenvolver ideias e hipóteses originais sobre o que querem descobrir. Então percebemos que constroem o conhecimento com base nas interações formadas com pessoas e o meio em que vivem.

Por isso as novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade que advenham de concepções de desenvolvimento que considerem a criança nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e de interações e práticas sociais que lhes ministrem elementos relacionados às diversas linguagens e ao contato com os variados conhecimentos para a construção de sua identidade autônoma.

A instituição de educação infantil cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos.

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança, e ao acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. É uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada e o professor deve ter consciência de que nas brincadeiras as crianças recriam o que sabem sobre as diversas esferas do conhecimento, contudo, não deve-se confundir situações de aprendizagem relacionadas a conceitos e procedimentos, com situações onde conhecimentos sejam experimentados de maneira espontânea, mas sem objetivos para as crianças.

Fica claro, que as necessidades básicas podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Como atividades didáticas, a utilização de jogos é uma tarefa eficaz, especialmente aqueles que possuem regras. Mas faz-se necessário, que o professor tenha consciência de que as crianças não estarão brincando livremente nestas situações, pois há objetivos didáticos em questão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (PCN):** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUNIERA, Celina. **Origens do Inglês:** História da língua inglesa. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ingles/origens-do-ingles-historia-da-lingua-inglesa.htm>. Acesso em: 26 set. 2022.

CAVALCANTE, Meire. **11 atividades para ensinar Língua Estrangeira.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/327/11-atividades-para-ensinar-lingua-estrangeira>. Acesso em: 20 set. 2022.

CELANI, Maria Antonieta Alba (org.) (2003) Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SCHÜTZ, Ricardo. **O aprendizado de línguas ao longo de um século.** English Made in Brazil, 2012. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-apren.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

VYGOTSKY, V. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A MÚSICA COMO PROCESSO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM

Priscila Bueno Carvalho de Souza¹
Evelyn Francine de Andrade²
Me. Francisco Ramirez Martins Junior³

RESUMO: O analfabetismo é a qualidade de analfabeto, uma palavra de origem latina (analphabētus) que se refere àquelas pessoas que não sabem ler nem escrever. Porém, o termo costuma ter um uso mais extenso e é usado para fazer alusão aos indivíduos que são ignorantes ou que carecem de instrução elementar em alguma disciplina. A alfabetização é uma habilidade fundamental que permite o acesso ao aprendizado, desenvolve habilidades importantes para a vida e permite que as pessoas se envolvam totalmente no trabalho e em suas comunidades. Uma forma de ter sucesso na alfabetização é a inserção de metodologias diversificadas que desperte no aluno o interesse pela aprendizagem. A música é uma companhia constante em nossa vida cotidiana. Ela nos influencia nas diferentes situações da vida e tem um certo efeito sobre nós, não importa se consciente ou inconscientemente. É dever ser usada no aprendizado, e nas escolas, por exemplo, a música também pode e têm uma influência especial sobre os alunos, tornando as aulas mais animadas através do seu uso e também mais interativa e interessante. A música é reconhecida por muitos pesquisadores como uma modalidade que desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporcionando um estado agradável de bem-estar, facilitando a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, em especial em questões reflexivas voltadas para o pensamento.

Palavras-chave: Música. Linguagem. Aprendizagem. Alfabetização. Memória.

1 ANALFABETISMO: formas e causas

Conforme o Relatório Mundial de Educação da UNESCO 2015 existem cerca de 750 milhões de analfabetos em todo o mundo. Essas pessoas encontram-se principalmente em países como: Índia, Bangladesh, Paquistão, China e nos países subsaarianos. Embora em países com grande desenvolvimento existe uma quantidade alarmante, segundo dados a população da Alemanha apresentam uma taxa de analfabetismo de 14,5%, 9% na França, 8% na Áustria e até 16% na Inglaterra sendo esses condicionados analfabetismo funcional. A esse conceito de analfabetismo funcional entende-se para designar um meio-termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil

¹ Autor: Pós-graduanda do curso de Especialização em Ensino Lúdico pela Faculdade Católica Paulista. E-mail: priscila.miguel@hotmail.com

² Orientador: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Programa de Pós-Graduação da UCA -Marília-SP. E-mail: evelyn.andrade@uca.edu.br

³ Coorientador: Diretor Acadêmico da Faculdade Católica Paulista (UCA). Mestre em Comunicação. E-mail: francisco.ramirez@uca.edu.br

da leitura e da escrita, ou um nível de habilidades restrito às tarefas mais rudimentares referentes à "sobrevivência" nas sociedades industriais (CASTELL; LUKE; MACLENNAN 1986).

Com relação ao analfabetismo no Brasil uma nota técnica divulgada pela organização "Todos Pela Educação" diz que o analfabetismo chegou a 40,8% das crianças brasileiras entre 6 e 7 anos, e que essa não sabiam ler ou escrever já no ano de 2021 (AMARAL; MENUZZI; PINTO, 2021).

A educação é passada de uma geração para a próxima, os modelos na família são particularmente importantes para uma socialização de leitura bem-sucedida, ou seja, uma criança vê os membros da família lendo e escrevendo, conversa com a família e os colegas sobre o que leram e tem acesso a materiais de leitura em casa. Os modelos sociais, por outro lado, que lidam com a vida cotidiana com pouco conhecimento da linguagem escrita, têm um efeito negativo na socialização leitora das crianças e na motivação básica para aprender a ler e escrever. Estas são muitas vezes minorias étnicas, grupos marginalizados de pessoas dentro de uma sociedade e membros de uma classe social baixa (BRAGA; FERNANDES 2015).

As causas do analfabetismo são múltiplas; aspectos sociais e individuais desempenham um papel importante nessa conta. Sven Nickel (2002) diz que: O mapa do analfabetismo coincide com o mapa da pobreza. Essa frase se aplica a muitos países e aqui há uma referência não apenas à pobreza econômica, mas a uma variedade de causas. A qualidade da escola frequentada e o processo de alfabetização em um país são muitas vezes determinado por fatores econômicos. Dessa forma, muitas vezes não se tem meios financeiros para a família ou a sociedade permitir que as crianças e adultos recebam uma educação básica de qualidade. Nas famílias pobres, muitas vezes há a necessidade de que as crianças auxiliem na renda familiar, ou materiais escolares, necessário para uma educação de qualidade e muitas vezes não pode ser pago pela família. Este ponto é particularmente verdadeiro para famílias com muitas crianças.

A pobreza pedagógica, ou seja, a falta de conceitos pedagógicos para influenciar preventivamente circunstâncias individuais e socialmente difíceis e, assim, prevenir o analfabetismo funcional, favorece uma alta taxa de analfabetismo.

Ao nível social, devem ser mencionados os seguintes fatores de risco: bilinguismo ou multilinguismo na família e na sociedade que não se desenvolve ao ponto da escrita, baixo nível socioeconômico da família ou da região, carga de trabalho das crianças, portanto, menos tempo de aprendizagem fora da escola do trabalho. Além disso, o avanço social é dificultado ou impossibilitado precisamente para esses grupos de pessoas devido à falta ou precariedade das oportunidades educacionais.

Fatores culturais e linguísticos podem se somar às causas já mencionadas. Independentemente do estado social de uma família, a convicção de que as meninas mais tarde serão mais responsáveis

pela criação dos filhos e pelo cuidado da casa, portanto, não são necessários esforços educacionais ainda é generalizada.

Este, no que lhe concerne, pode ser mais curto ou inferior resultar na diminuição da frequência escolar. Outro fator de risco para o sucesso da alfabetização é a alfabetização em uma língua estrangeira. Se a língua da primeira alfabetização não for também a primeira língua de um aluno, isso complica o processo de aquisição da linguagem e escrita (CARVALHO, 2010).

Situações políticas ameaçadoras, como guerra, fuga e perseguição, mas também greves em curso aumentam a taxa de analfabetismo em um país porque não é possível frequentar a escola continuamente (CARVALHO, 2010).

A conseqüente migração de residentes rurais para áreas metropolitanas torna os afetados analfabetos funcionais em seu novo entorno; porque a vida nas cidades exige cada vez mais conhecimento literal dos habitantes (CARVALHO, 2010).

Além disso, o analfabetismo é “socialmente hereditário”, ou seja, atitudes e valores relacionados à em um nível individual, pode haver falta de escrita. As habilidades linguísticas e a evitação de situações que exigem leitura e escrita desencadeiam um círculo vicioso reforçado por experiências de discriminação e emoções negativas (MUELA-MEZA; TORRES-REYES, 2009).

Em tudo que foi descrito, e no que cerne a aquisição e aprendizado da alfabetização e do letramento, vemos na música, um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois a criança aprende a ouvir de maneira ativa e reflexiva, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para ela de desenvolver sua atenção e memória (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994).

2 O QUE SIGNIFICA “MÚSICA”?

O que o termo "música" realmente significa? Porque nós humanos fazemos música? O termo "música" possui várias definições, quando trazemos a origem do termo, podemos assim dizer que a música (do grego μουσική τέχνη - musiké téchne, a arte das musas) é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e silêncio seguindo uma pré-organização temporalmente. É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana.

Outra definição mais clara e interessante no contexto do trabalho seria: a música é definida como sons que formam um padrão agradável ou interessante que foram colocados juntos. Esses padrões podem, por exemplo, evocar certas ideias ou humores em nós humanos.

Não existe um local na terra onde a música não existe, porque a música está em todos os lugares podendo ser ouvido os sons específicos e os sons inespecíficos, sendo uma parte importante da nossa vida diária.

Na verdade, é muito difícil encontrar uma definição clara para a música, porque depende sempre de qual perspectiva ou em que nível que você olha para a ela. A seguinte citação, porém, define o termo de forma muito clara e traz o essencial em poucas palavras: "A música é uma arte de sons e sons, de som ordenado, ritmicamente regulado, mas sobretudo organizado em arremessos [...]." (BORGES, *sd*, p. 4)

O compositor francês Pierre Boulez define da seguinte forma ao ser perguntado sobre este termo, que deu a seguinte resposta:

O que o termo "música" realmente significa? Porque nós humanos fazemos música? O termo "música" possui várias definições, quando trazemos a origem do termo, podemos assim dizer que a música é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e silêncio seguindo uma pré-organização temporalmente. É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana.

Outra definição mais clara e interessante no contexto do trabalho seria: a música é definida como sons que formam um padrão agradável ou interessante que foram colocados juntos. Esses padrões podem, por exemplo, evocar certas ideias ou humores em nós humanos.

Não existe um local na terra onde a música não existe, porque a música está em todos os lugares podendo ser ouvido os sons específicos e os sons inespecíficos, sendo uma parte importante da nossa vida diária.

Na verdade, é muito difícil encontrar uma definição clara para a música, porque depende sempre de qual perspectiva ou em que nível que você olha para a ela. A seguinte citação, porém, define o termo de forma muito clara e traz o essencial em poucas palavras: "A música é uma arte de sons e sons, de som ordenado, ritmicamente regulado, mas sobretudo organizado em arremessos [...]." (BORGES, *sd*, p. 5)

O compositor francês Pierre Boulez define da seguinte forma ao ser perguntado sobre este termo, que deu a seguinte resposta:

O que é música para mim? Ah... muito, você não pode responder isso em duas frases. Simplificando: o mundo como eu o vejo. Este é um pensamento muito pessoal que absorve tudo. Para mim, a música é primeiro uma forma de viver, depois pensar e perceber tudo. Este é realmente um conceito muito geral (BOULEZ, 2007, p.13).

O fato é que a música significa algo diferente para cada pessoa, portanto, nenhuma definição que existe é clara. O que é mais importante é que com a música podemos utilizar em vários aspectos para as pessoas. Para uns estimula a imaginação, para outros traz clareza, ela pode nos confortar quando estamos tristes e nos fazer rir quando temos preocupações. Qualquer pessoa que lida com música aprende a ver, ouvir e pensar

O fato é que a música significa algo diferente para cada pessoa, portanto, nenhuma definição que existe é clara. O que é mais importante é que com a música podemos utilizar em vários aspectos para as pessoas. Para uns estimula a imaginação, para outros traz clareza, ela pode nos confortar quando estamos tristes e nos fazer rir quando temos preocupações. Qualquer pessoa que lida com música aprende a ver, ouvir e pensar

2.1 Como a Música Funciona em Nossas Cabeças

Encontramos respostas para a pergunta sobre o efeito que a música tem nas pessoas tudo onde a música realmente acontece, ou seja, na cabeça. Mas como é realmente possível que nosso cérebro, que funciona como órgão de percepção, experiência, ação e compreensão, faça música na nossa cabeça?

A música nos afeta de muitas maneiras, e da maneira como reagimos a ela. Assim, a causalidade definitivamente vai em ambas as direções, do sujeito ao objeto e vice-versa. Não apenas experimentamos a música de maneira individual, nossa experiência musical também os torna os indivíduos que somos.

Nós, humanos, estamos intimamente envolvidos com a música e estamos a vários milênios desempenhando um papel crucial em nossas vidas sem podermos perceber. Se definíssemos música de maneira elementar como ar em movimento, que no contexto cultural é percebido como uma forma de arte, é tão antigo quanto o próprio homem. A música pode assumir uma ampla variedade de funções, por exemplo, ela nos acalma e nos traz lembranças, influenciando nossos processos de memória. “A questão-chave 'O que a música faz?’” refere-se a um amplo campo de pesquisa que lida com processos ou estados psicológicos e sociais relacionados com a percepção, processamento e produção da música.

2.2 Do Som ao Processamento da Informação no Cérebro

Nosso sistema auditivo é um dos nossos órgãos mais sensíveis. Com este órgão que é possível gravar ondas sonoras ou flutuações de pressão do ar, registradas em nosso cérebro. Nossa audição é altamente sensível, o que significa que este órgão dos sentidos não poderia ser mais sensível. Se fosse ainda mais sensível, ouviríamos constantemente o ruído das moléculas, que está realmente disponível 24 horas. O ouvido externo tem a função de transmitir o som ao tímpano, e a transmissão do som então segue pelo ouvido médio até a cóclea, que está localizada no ouvido interno. Lá essas flutuações da pressão do ar são convertidas em impulsos.

O processamento da informação já ocorre nas vias auditivas antes de realmente entrar atinge nosso córtex cerebral. Este processamento da informação inclui, por exemplo, a análise do local de

origem da fonte sonora. As mensagens, que chegam ao nosso córtex já são informações acústicas pré-tratadas.

Com meios técnicos, é possível para nós humanos ouvirmos o som que chega aos nossos ouvidos que conseguiu gravar com determinados dispositivos. O real significado do ruído não é referido como um som, e há certos movimentos de pressão do ar. Com o som, as flutuações de pressão são, ao contrário do ruído, muito mais ordenadas. Deve reconhecer alturas e melodias para, em seguida, conectá-los reciprocamente. Além disso, nosso cérebro precisa registrar a sequência cronológica dos tons, e só assim ser possível deduzir compassos e ritmos.

3 A MÚSICA E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM

É bem conhecido que usar a música para aprender ou realizar afazeres nas mais diversas circunstâncias, pode certamente contribuir para a promoção da aprendizagem; além disso, ter a música em segundo plano, por exemplo, cria um ambiente de aprendizagem agradável e pode desempenhar um papel coadjuvante.

3.1 Uso de elementos sonoros para apoiar o processo de aprendizagem

Aprender música em sala de aula pode ter um efeito especial sobre os alunos. Fazer música tem um impacto especial no córtex cerebral e sua organização funcional, o aprendizado através ou com a música podem influenciar de certa forma as redes de células nervosas do córtex cerebral.

É surpreendente que quase nenhuma importância seja dada ao som como meio de aprendizagem nas escolas. Aprender com música possibilita o desenvolvimento do aluno, é importante que eles se envolvam com ela e assim a cumprir o requisito de estar ativamente envolvido.

Esse “lá” também pode ser feito no sentido literal, isto é, "da" como uma pessoa que pensa e sente de forma autônoma e "ligado" significa estar no ponto e se concentrar apenas em um aspecto específico.

O uso direto da música na sala de aula pode desempenhar um papel importante, o que está acontecendo na sala de aula e, assim, aprender de certa maneira, podendo influenciar ou facilitar a aprendizagem. Mas a música também pode trabalhar na área do inconsciente ou aprendizagem indireta para desempenhar um papel importante.

Por exemplo, a aprendizagem pode ser feita por movimentos lentos de música clássica ou barroca nas marcações de tempo andante, ou largo. A mediocridade ideal é de cerca de 60 – 70 batimentos por minuto, que são os batimentos cardíacos de uma pessoa quando a mesma está em repouso, esse processo traz calma e aprendizagem para o aluno contribuindo para seu desenvolvimento conectivo.

3.1.1 Vocabulário indireto e aprendizado de gramática através da música

A música afeta a aprendizagem dos alunos, já foi explorada e examinada em inúmeras pesquisas, portanto, não é novo a ser pesquisado esse assunto no campo da ciência. Pode-se ter um maior entendimento quando se olha para os resultados relacionados a este assunto, no campo da ciência educacional, psicologia e pesquisa do cérebro. Considerando mais de perto o efeito Hawthorne, que traz a ideia de que quando as pessoas se comportam de maneira diferente porque sabem que estão sendo observadas. Isso pode afetar qualquer categoria de comportamento, como hábitos alimentares ou práticas de higiene, porque esses comportamentos podem ser modificados rapidamente. Trazendo para o contexto escolar, EVITAR os melhores resultados obtidos na escola podem ser alcançados se a aprendizagem ocorrer em condições diferentes ou novas.

Praticando estruturas e formas gramaticais usando música, pode representar uma situação de aprendizagem completamente diferente para os alunos. Dessa forma, indica-se a música no processo de alfabetização, é importante que o professor esteja certo do efeito da música para uma aprendizagem significativa. Do ponto de vista pedagógico repetir certas estruturas gramaticais é indispensável. Meios de aprender efetivamente uma linguagem.

Mas existe desde os romanos o provérbio *Repetita non placent*. Você repete o que aprendeu ou praticou com a música, uma repetição pode definitivamente "agradar" porque você consegue uma abordagem diferente. Sendo essa uma aplicação do efeito Hawthorne.

Em um trabalho usando o processo de musicalização de crianças do 9º ano, onde as crianças eram incentivadas a aprender uma segunda língua, se observou que os alunos de cinco turmas repetiram o vocabulário contextual com gestos e entonação emocional após o professor, repeti-lo para os colegas, depois visualizá-lo mentalmente com música em relaxamento e finalmente repetidas para ajudar no trabalho dos parceiros, as turmas conseguiram traduzir de 56 a 73 palavras para o francês após uma aula, em média.

Não se trata apenas do uso da música na sala de aula, mas primeiro que os alunos, com a ajuda da música, aprendam uma nova técnica para eles poderem desenvolver tecnologia de memória. Com relação a isso, deve-se notar também que este o aprendizado "novo" não se torna um hábito e, como professor, você é responsável por garantir que haja variedade na aula.

O exemplo anterior demonstra que a música tocada durante o aprendizado, em segundo plano, algumas vezes, tem um efeito crucial na aprendizagem ou retenção de informação, no nosso caso a retenção de vocabulário.

Que efeitos teria sobre a linguagem, escrever uma música inteira ou aprender uma língua, ou mantê-la com novas informações linguísticas?

No passado, no ensino convencional de alfabetização, a ênfase era colocada em um ensino de gramática, colocando a mesma em um contexto comunicativo e integrado. Nos últimos anos, no entanto, mais ênfase tem sido colocada em um explícito transmitir informações gramaticais.

A razão para isso está claramente descrita na seguinte citação:

As formulações de regras explícitas em um nível metalinguístico são tão adaptáveis aos processos de processamento de informações e se consideram tão importantes quanto a gramática implícita e a procedimentalização. As atividades individuais devem ser tão variadas quanto possível para que os alunos possam recorrer a estratégias pessoais de aprendizagem, por um lado, e experimentar novas formas de codificação, por outro (MIRANDA, 2006, p. 4)

No caso do ensino explícito de gramática, o professor tem a oportunidade de selecionar uma música específica. Primeiro, a identificação dos alunos desempenha um papel a música e o consequente aumento da motivação desempenham um papel decisivo.

É o aprendizado da gramática associado a uma música específica que os alunos são motivados a fazê-lo, podendo-se dizer que a memorização das estruturas gramaticais ensinadas. É trabalho do professor adequar a música aos interesses da classe.

Devido à brevidade das músicas, não é um grande problema incluí-las nas aulas. O refrão, que soa várias vezes em uma música, torna isso mais fácil memorizar as estruturas linguísticas que ocorrem. Músicas e suas letras também ensinam aos alunos um certo grau de autenticidade e assim mostrar a língua como uma forma mais didática.

A música tem um efeito motivacional sobre os alunos, o que lhes dá o componente afetivo associado, tornando possível absorver certas informações. A inclusão de canções nas aulas oferece, portanto, um grande potencial cognitivo-psicológico para a aprendizagem de estruturas linguísticas: as estruturas gramaticais embutidas nas frases linguísticas musicais são armazenadas implicitamente várias vezes e podem ser posteriormente induzidas através dessas frases linguísticas musicais (melodias relacionadas ao texto); os aprendizes se lembram das estruturas gramaticais contidas na música (melodia e texto), por assim dizer. A regra gramatical é armazenada implicitamente e também pode ser derivada explicitamente.

3.1.2 Restrição à música na educação

Em tempos de economia financeira não é só na área de negócios ou saúde com financiamento usado com parcimônia, mas também o setor de educação não escapa a essas restrições financeiras: “A educação musical é pressão para justificar, você começa a perguntar: você precisa de tanta música? Vale a pena um investimento social nas artes plásticas?” (BOAL-PALHEIROS, 2014, p.9)

Em geral, pode-se dizer que em uma época em que a economia e os interesses técnicos assumem o papel de pioneiro, é difícil se tratar do assunto musical. As aulas de música provavelmente não existiriam mais hoje se não fosse uma das disciplinas escolares mais antigas.

Em tempos de medidas massivas de austeridade, artistas e educadores voltam a bater cada vez mais nas teclas sobre o "Alarme de música" quando se trata de uma ameaça à nossa nação cultural. Aparentemente, não se dá muita importância à este aprendizado e, seria uma pena se a música fosse completamente removida do currículo e apenas vista como uma perda de tempo, não se dando a devida importância.

3.2 O papel da música na aquisição da linguagem na primeira infância

Para chegar ao fundo da importância da música em relação à aprendizagem de línguas, deve-se também examinar a área em que os elementos tonais primeiramente desempenham um papel crucial sobre nós, humanos. Isso significa aquela fase em que onde as crianças aprendem a sua língua materna. Música ou sons são reproduzidos enquanto você aprende.

A linguagem materna desempenha um papel fundamental, pois as crianças aprendem inicialmente esta primeira língua nos primeiros meses de vida, por assim dizer, aprender "sem" língua e apenas com ouvidos e olhos os sons produzidos.

Aparentemente, os sons são o meio mais importante para as crianças aprenderem sua língua materna. Sons e ruídos são estruturados; teorias são desenvolvidas sobre como eles funcionam, e sua eficiência é testada e variada com base em efeitos sociais e direcionados. As crianças pequenas obviamente têm uma alta alfabetização auditiva (como parte de sua alfabetização de áudio), uma habilidade pronunciada de decodificar a sintaxe, a semântica e a pragmática do sistema de símbolos do som.

Como já mencionado, uma criança pequena aprende a língua materna sem uma língua primária, ou proficiência linguística. Assim, as crianças não pensam na linguagem quando estão começando a falar, e mesmo na idade adulta, dominamos desafios anteriormente desconhecidos.

Nós só falamos quando não estamos mais focados na língua, mas, na verdade, em algo completamente diferente. As crianças pequenas em particular só aprendem a língua devido ao seu som e de seus semelhantes, visto que ainda não são proficientes na escrita.

Eugênio, Escalda e Lemos (2012) A expõe intensamente em sua obra "Conhecimento Mundial das Crianças de Sete Anos". Lida com este tópico e assume que os bebês já possuem uma percepção acústica incrível. Elas são altamente motivadas quando se trata de produzir tons e sons. Assim, a música está tocando desde o início um papel fundamental em nossas vidas.

A seguinte citação em inglês traz essa função especial da música muito claramente expressa em relação à aquisição da linguagem em crianças pequenas:

A música é uma das formas de arte mais universais — mas também é um importante meio de comunicação e aprendizagem, especialmente no contexto do desenvolvimento da linguagem e da alfabetização. Canções, melodias e sons desempenham um papel vital na aquisição da linguagem infantil (LOPES, 2006, p. 80)

Como a música parece criar um ambiente propício ao aprendizado, há muitas maneiras pelas quais os elementos musicais podem ser usados para promover estratégias e habilidades de aprendizado de idiomas.

4 QUAL É A CONEXÃO ENTRE MÚSICA E LINGUAGEM?

A música e a linguagem são dois assuntos especiais que provavelmente estão no início da aprendizagem, e que estão relacionados um com o outro, porém esses dois incríveis fenômenos têm uma relação muito próxima, eles podem ter mais em comum do que se poderia pensar.

4.1 Relações entre a música e a linguagem

Existe um paralelo significativo entre os dois termos quando você olha para a estrutura básica desses dois fenômenos. A música, por exemplo, é composta por músicas acústicas, sons feitos por notas, na música também chamados de notação ou notação musical, acessível a nós, humanos. Com a linguagem lidamos com representações visuais, mais especificamente com as letras que atuam servindo como representantes da língua. Tanto a música quanto a linguagem estão sujeitas a uma determinada transcrição, em um fenômeno é uma questão de notas, em outro por cartas. Em princípio, pode-se supor, portanto, que a possibilidade de gravar ambos os elementos podem ser vistos como um claro paralelo entre música e linguagem.

Uma breve revisão pela história da música revela outra semelhança entre ela e a linguagem. Por exemplo, no canto gregoriano uma atenção especial foi dada à combinação de linguagem e música, pois com os corais, ritmo, melodia, altura e dinâmica da música foram adaptados ao respectivo texto e adaptou-se sua sintaxe. Isso mostra que você já está no início da musicalização ocidental, partindo-se de um paralelo existente de música e linguagem que também levou isso em consideração ao cantar ou escrever canções.

Em seu trabalho, Sandra Wackenhut (2011) descreve a estrutura dos dois sistemas de uma forma muito interessante: Ambos os sistemas consistem em um certo número de componentes limitados em si mesmos, mas cujas combinações possíveis são ilimitadas.

Pode-se imaginar outro paralelo entre música e linguagem especialmente se você der uma olhada em sua respectiva estrutura. Como antes explicado a linguagem sempre tem algo a ver com o som e essas pequenas unidades acústicas também são chamadas de fonemas, equivalente aos da música, os tons individuais devem ser nomeados aqui. Se você agora combina essas unidades entre si, surgem estruturas mais complexas: palavras de uma língua formar um paralelo na música com intervalos, movimentos inteiros já representariam melodias na música. Essa justaposição certamente poderia ser continuada.

O fato é que música e linguagem não são fenômenos independentes, mas que uma completude de ambos, um no outro. A pesquisa do cérebro também continuou com a conexão entre esses dois fenômenos separados, e ela também descobriu que havia de fato uma entre a conexão da música e linguagem. A conexão desses dois fenômenos tem o seguinte conceito: Em mais de 95% das pessoas, os dois centros de linguagem estão localizados no lado esquerdo do cérebro e as áreas responsáveis pela música estão à direita. Por causa de procedimentos de imagem, se supõe que esse tipo de classificação pode ser alterado dependendo da análise realizada.

A linguagem ocorre inter-hemisféricamente. Tanto a música quanto a linguagem funcionam nos mesmos circuitos em nosso cérebro hemisfério direito e esquerdo, mas têm pontos focais diferentes.

No entanto, os resultados dos estudos neurobiológicos atuais não são suficientes para a afirmação de que a música e a linguagem estão em reinos completamente separados ao ser processado.

4.2 Música e linguagem como meio de comunicação

Buhl e Cslovjecssek (2010) também abordaram a questão de quais aspectos da linguagem e a música provavelmente têm em comum. Eles descobriram que esses dois fenômenos, sobretudo em um ponto, sendo no campo do ensino se acordam. Olhando mais de perto, até que ponto a linguagem e a música relacionadas entre si, rapidamente fica claro que a função primária das duas áreas na escola é a compreensão. Conhecemos essa linguagem ferramenta de nossa vida cotidiana, portanto, para a comunicação na sala de aula é uma parte essencial. O conteúdo e as ideias são explicados através da linguagem e é também a linguagem que nos permite compartilhar conhecimento a fim de discutir certos assuntos. Mesmo se você olhar atentamente para a música, ela é uma forma de comunicação. Utilizados em aula, lado a lado a linguagem e a música como forma de compreensão, permite aos alunos, abrir espaços especiais que lhes permitem ser mais ativos para participar das aulas. Além disso, esta é também porque se defende uma abertura geral da disciplina de ensino de música.

Como meio de comunicação e expressão, a música é uma forma de tomar consciência de nós mesmos e de nossa existência em confronto com o mundo.

Nesse sentido, a música é considerada uma forma de estar junto e de expressão, geralmente, numa perspectiva de desenvolvimento começa mais cedo do que a própria linguagem. Portanto, a música também pode ser usada como meio de mediação.

No nível da psicologia cognitiva, também, há uma conexão entre música e linguagem indiscutível, como a seguinte citação de Cabral e Souza. deixando claro que:

Desde que as pessoas aprenderam idiomas, as músicas desempenharam um papel importante no processo de aprendizagem, não apenas na sala de aula, mas no mundo exterior. A música é uma manifestação tão fundamental da cultura e da necessidade humana de comunicar, inextricavelmente associado à linguagem (CABRAL; SOUZA, 2016, p. 8)

Já na década de 1960, as pessoas chegaram à conclusão de que a música era sobre um sistema de comunicação que permite a nós, indivíduos, ter certos significados e trocar valores com nossos semelhantes. Assim, pode-se supor que a música, é uma forma de linguagem. Isso também se aplica à música como meio de comunicação onde se tem uma categoria de linguagem, ela deve obedecer a certas regras para funcionamento do sistema de comunicação que pode ser garantido. Em qualquer momento se expressamos algo a nossos semelhantes, então há um ato de fala. Para permitir atos de fala, certas condições devem prevalecer. O ato define você falante ou "emissor", pessoa endereçada ou "receptor" e um fato concreto a que se refere: o assunto.

Esses três elementos: emissor, receptor e assunto são os componentes que compõem um ato de fala. O ato de fala, no entanto, impõe outra condição essencial para avanço da comunicação: para que nossos semelhantes nos compreendam, tanto o remetente quanto o destinatário devem conseguir falar a mesma língua. Uma linguagem subjacente, portanto, se aplica como base de todo ato de fala. Ao contrário do ato de fala, a própria linguagem é que está presente apenas uma vez, algo constante, mas sem definição.

Assim, pode-se dizer que o ato de fala e linguagem pressupõem uma à outra, portanto, estão ligadas. Se pensarmos agora em traduzir esses conceitos para a música, chegaremos a alguns obstáculos.

Na música, os três elementos mencionados que compõem um enunciado falado basicamente não estão realmente presentes, pois a música é diferentemente da linguagem, não atinge objetos fora de si mesmo.

Além disso, Cslovjecsek (2007) assume em seu artigo que entre linguagem e música há uma conexão significativa. Ele assume a suposição de que a música se revela uma espécie de linguagem e estes dois termos em grande medida para corresponder.

Ele viu esse fato principalmente da perspectiva de aprendizagem de línguas usando certos conceitos que desempenham um papel essencial na aprendizagem de línguas: com termos como

dinâmica da linguagem, melodia da fala e ritmo da fala, fica claro que a linguagem sempre tem algo a ver com o som. [...] A fronteira entre linguagem, linguística e musical é fluida. A aprendizagem de línguas é, em grande medida, uma questão de sensibilidade sonora.

Assim como Buhl, Cslovjcek, (2010) também assume que a linguagem intimamente relacionada com os sons. Ele descreve a semelhança entre a música e linguagem da seguinte forma:

Música e linguagem são ambos meios de comunicação. [...] A música tem suas próprias regras (uma espécie de gramática), certos padrões temporais, uma melodia ou um ritmo. Por outro lado, a linguagem também tem uma melodia e um ritmo. Apesar de habilidades aparentemente intimamente relacionadas que sugerem inerências mútuas positivas, a música, ao contrário da linguagem, é uma comunicação não conceitual (BUHL; CSLOVJECSEK, 2010, p. 8).

Como pode ser observado na citação acima, a música também segue uma certa gramática que normalmente abordada apenas no campo da linguística em geral, e é dificilmente colocado em relação à arte, à qual a música realmente pertence.

A razão para isso é provavelmente que a música ou sua "gramática" nunca é tão precisa pode ser determinado e analisado, como no caso da linguística, porque: A música é um enigma, uma dádiva inexplicável de outro mundo, uma linguagem do indizível, que, no entanto, se aproxima de algumas verdades últimas e experiências misteriosas do que a linguagem das palavras, da comunicação com sua precisão técnica e lógica; com sua simplificação e consistência quase sempre terríveis; com sua clareza desumana, seu sim ou não muitas vezes mortal.

5 USO DA MÚSICA NAS AULAS

O processo de aquisição da linguagem é um processo ativo que está intimamente relacionado com a nossa percepção humana. É também por isso que se preconiza nas aulas de língua estrangeira o uso de todos os sentidos dos alunos na medida do possível e dirigir-se a eles. O ensino eficaz de línguas estrangeiras pode ativar todos os sentidos no aluno. A percepção auditiva, por exemplo, se forma no ensino eficaz de línguas um papel essencial, visto que somente por uma escuta atenta, os sons estrangeiros de uma língua ainda não aprendida ou desconhecida podem ser corretamente absorvidos e processados.

A citação a seguir traz a importância da música e expressa muito claramente em nossas vidas:

Estar envolvido com música, seja ativo ou passivo, não é perda de tempo, mas — se você também gosta de música — faz bem para o corpo e para a alma. Os últimos anos, em particular, mostraram quão intimamente ambos estão conectados e como corpo e alma não podem ser separados, especialmente na cabeça. Talvez em nenhum lugar essa ideia seja mais clara, poderosa e impressionantemente evidente do que no reino da música (BALLERINI, 2015, p.9).

Ao pensar no uso da música na escola, a primeira coisa que vem à mente é uma aula de música comum, visto que a música é fundamentalmente reservada a esta disciplina. A música não só nas aulas de música, mas também em outras disciplinas proporciona grande enriquecimento. Se olharmos nas aulas de alfabetização, principalmente com o uso da música em sala, como meio de relaxamento, é perceptível uma melhor concentração. O fato é que a música pode ser muito mais importante na sala de aula do que imaginamos.

Interesses musicais permitem que as pessoas se expressem e se mostrem também a qual grupo social ou classe pertence. A musicalidade está chegando cada vez mais em diferentes áreas, como na área da saúde, por exemplo, em musicoterapia, o qual também desempenham um papel crucial em rituais e tradições. A música faz isso, expressando assim tudo o que é possível. Então seria estranho se a música não fizesse parte do contexto da aprendizagem escolar e afetar centros de formação e estabelecimentos de ensino.

A ideia de integrar música nas aulas de língua estrangeira não é nada novo, mesmo que alguns professores ainda tenham dúvidas sobre isso a utilidade da música no ensino de línguas é claramente positiva. O fato, porém, é que enquanto a humanidade aprende línguas, também sons e melodias durante este desempenham um papel essencial no processo de aprendizagem, não só na sala de aula, mas também fora da escola.

Por muito tempo, as habilidades de escuta em geral em sala de aula tiveram um efeito de função marginal. O foco era escrever ou leitura. A integração da música nas aulas de línguas estrangeiras foi pensada e duvidosa. Provavelmente, isso se deve ao fato de que muitos professores de sentir inibições e resistência quando se trata de música também meio ou ferramenta de ensino e aprendizagem. Por outro lado, em todos os lugares há uma demanda por mais música, por abordagens mais emocionais para o aprendizado e para o desenvolvimento mais pessoal, onde a música certamente desempenha um papel importante.

Isso também é claramente expresso na seguinte citação: “Como resultado da demanda por uma abordagem holística do ensino de línguas estrangeiras, fatores emocionais e motivacionais devem ser considerados com maior atenção.” (DA VEIGA SIMÃO; FRISON, 2013, p.15).

Nesse contexto, o envolvimento do meio 'música artística' no ensino de línguas estrangeiras desempenha um papel importante.

Enquanto isso, a importância da alfabetização em áudio no ensino de línguas estrangeiras tornou-se claramente aumentado, atribuída grande importância também às etapas preliminares da audição, como ouvir e escutar. É fato também que o uso de música, como pop e rock, desde o início das aulas de língua estrangeira desempenha um papel importante, visto que o uso da música revela

principalmente aspectos motivacionais. Com a música é assim possível criar abordagens orientadas para o aluno.

A música é parte integrante das aulas de línguas estrangeiras de hoje. Ela é de forma alguma unidimensional, "porque a música inclui canções, música instrumental, ruídos e sons, bem como outros ruídos acústico-fonéticos, melódicos ou sinais tonais rítmicos"

Em seu artigo, Gabriele Blell descreveu com mais detalhes quais funções a música pode realmente ter na sala de aula. De acordo com Cooper *et al.* (2006) podem ser distinguidas as seguintes cinco funções da música para o ensino de línguas estrangeiras:

1) Função psico-higiênica e emocional: Como já mencionado, selecionar formas de música desencadeiam certas emoções e sentimentos nos ouvintes. A música lenta pode ter um efeito calmante sobre nós e o aperfeiçoamento dos processos de aprendizagem. Sons rápidos e ritmicamente exigentes podem, por outro lado, os alunos ativam e definitivamente um apoio à aprendizagem orientada para o movimento.

2) Função psicológica social: A função sociopsicológica da música significa que a música nas aulas de língua estrangeira pode ajudar a desenvolver diversão na aprendizagem. Além disso, a música pode promover os processos de aprendizagem em associações de grupo.

Trabalhando juntos em um grupo, mostrando consideração pelos outros membros do grupo e a aceitação associada do indivíduo pode aumentar a motivação para aprender.

3) Música para promover a aprendizagem inconsciente: Os efeitos harmonizadores da música existem para superar as barreiras de aprendizagem, como medo ou para reduzir a tensão. Somente reduzindo esses obstáculos, é possível fornecer um caminho para a entrada verbal. A música contribui em atividades o que inconscientes relacionadas desencadeiam a aquisição de conhecimento.

4) Música para promover processos cognitivos (linguísticos): A música consegue definir áreas-chave dentro do nosso analisador acústico de modo a estimular algumas esferas internas, portanto, condições favoráveis para a recepção verbal de modo a criar um material didático.

Primeiro, a percepção humana desempenha um papel aqui um papel crucial. A percepção da música é com os outros. Percepções e estímulos das mais diversas redes estão emaranhadas, por isso torna-se a linguística e outros padrões de representação cognitiva são ativados.

5) Música e som como gatilho para processos de comunicação e aprendizagem intercultural tanto a linguagem quanto a música são um meio de comunicação.

No entanto, a verbalização da música ainda é de responsabilidade principalmente na área da criatividade associativa. A compreensão da música em ensino de línguas estrangeiras poderia ter formas específicas de interpretação, por exemplo, fazendo música sobre linguagem e produção escrita para os alunos, os torna acessível. Os aprendizes tornam-se confrontados com uma abordagem que

provavelmente não é familiar para eles, pois no que lhe concerne pode revelar-se muito interessante e motivador, pois esta é uma área do ensino não-cotidiano. Esta categoria de experiência de escuta criativa pode incentivar os alunos a serem criativos na linguagem.

Basicamente, pode-se dizer que a música tem uma grande variedade de funções nas aulas de língua estrangeira. O uso da música no ensino de línguas estrangeiras, no entanto, cita outro fator relevante, talvez o mais importante, a ser atribuído, e que de forma alguma deve ser desconsiderado. Pesquisas do passado recentemente provaram que o aumento das aulas de música nas escolas não só incentiva esta área do conhecimento, mas também outras habilidades intelectuais. Uma equipe de pesquisa desenvolveu um experimento envolvendo cerca de 1200 alunos, no qual estes estudantes experimentais tinham ao contrário o grupo controle, cinco aulas adicionais de música por semana, com cinco de retorno nas principais disciplinas Alemão e Matemática que foram reduzidas. Os exploradores constataram que após três anos de implementação, o grupo experimental fez o mesmo que o grupo de controle, que tinha um horário regular, ou seja, não aumentou as aulas de música que mantiveram. No assunto alemão, especialmente na área de expressão e linguagem, o grupo experimental teve um desempenho claramente melhor do que o grupo controle. Suas habilidades sociais também se desenvolveram melhor do que as de seus colegas de classe.

Em geral, pode-se dizer que o uso da música em qualquer forma de aulas podem ser um complemento ideal para a aprendizagem cognitiva. O tipo de música é claro que deve ser cuidadosamente selecionado pelo professor, uma vez que provavelmente nem todos gênero é construtivo para o processo de aprendizagem. O acompanhamento de músicas selecionadas nas aulas pode aumentar significativamente a motivação dos alunos para aprender. Nisto, processos emocionais e motivacionais são estimulados, o que permite aos alunos, por exemplo, reduzir certas barreiras de aprendizagem. Como professor, você deve certificar-se absolutamente de que essas barreiras de aprendizado sejam reduzidas. Além disso, através do uso da música, existe a possibilidade de criar um ambiente estimulante e criar uma atmosfera feliz na sala de aula que conduza a uma aprendizagem eficaz o que pode ser de grande proveito. Certos conteúdos de aprendizagem criados pelos alunos que podem ter sido percebidos anteriormente como desinteressantes podem se tornar mais eficazes com a ajuda da música.

Também no campo das aulas de literatura, seja na disciplina de alemão ou em uma língua estrangeira viva, a música certamente tem um papel de destaque, principalmente quando você avalia uma produção ou interpretação de texto, por exemplo. A música pode aparecer e ser o gatilho para a produção de textos autônomos e de forma criativa nesta área, porque os alunos podem usar peças de música para interpretar de forma independente.

Letras desafiadoras, pois os elementos estéticos como melodia, ritmo e volume evocam diferentes associações nos aprendizes. Finalmente, as associações podem contribuir para estimular as discussões. O uso a música não deve, portanto, ser entendida como um extra opcional nas salas de aulas, que presumivelmente só será usado se os alunos estiverem intencionados a serem recompensado pelo professor no final do seu trabalho. Em vez disso, ele já deve ser usado durante o processo de trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se atestar que através da música as distintas áreas do conhecimento são incentivadas. Temos um apetrecho na musicalização para amparar os educandos a desenvolverem o espaço que une expressão de sentimentos, valores culturais, ideias e facilita a comunicação própria do indivíduo. Portanto, cabe a nós buscarmos a maior variedade de informações e inserirmos o conhecimento no nosso convívio no dia a dia para que assim interfiramos positivamente e provoquemos nos alunos a verdadeira motivação.

A educação musical necessita considerar que o ensino e a aprendizagem de música não ocorrem apenas na sala de aula, mas em circunstância mais amplas. Por isso, o professor não deve discutir a música na escola, mas refletir sobre em que a educação musical pode ajudar no dia a dia dos alunos, interesses e dificuldades, buscando sempre decifrar a realidade em que vivem e atuam e quais formas de conhecer e aprender.

O ato musical no espaço escolar ajuda no processo de aprendizagem despertando e estimulando a área afetiva, cognitiva e linguística das crianças. As regalias que a música proporciona nesta fase, seja pela expressão de emoções, seja pelo raciocínio, sociabilidade, concentração, comunicação, é de grande aproveitamento para a vida.

Diante da realidade que nos deparamos nas instituições de ensino, a música é desenvolvida de maneira resumida, por repetição e imitação, algo quase mecânico, sem um discernimento. Podendo realizar um trabalho significativo com material reciclável para a confecção de instrumentos para exploração de sons e outras atividades que poderia contribuir para o desenvolvimento da inteligência musical, fazendo assim com que a música seja mais um suporte para a melhoria da educação das nossas crianças, tornando-as pessoas com senso crítico e cidadãos com mais aceitação e participação cultural.

REFERÊNCIAS

AMARAL, N. V.; MENUZZI, S. M. G.; PINTO, M. Anuário brasileiro da educação básica 2020 e sua relação com as políticas educacionais. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 1, 2021.

BALLERINI, F. *Jornalismo cultural no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música. A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática.* Summus Editorial, 2015.

BOAL-PALHEIROS, G. **A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças.** 2014.

BORGES, C. *Música, tempo e outros conceitos... música, tempo e outros conceitos.*

BOULEZ, Pierre. **A música hoje 2: Pierre Boulez.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BRAGA, F. M.; FERNANDES, J. R. Educação de jovens e adultos: contribuições de artigos em periódicos brasileiros indexados na base SciELO (2010-2014). *Cadernos Cedes*, v. 35, p. 173-196, 2015.

BUHL, H; CSLOVJECSEK, M. **Was hat Sprachenlernen mit Musik zu tun? Gedanken zur Begründung einer integrativen Musikpädagogik.** Blell & Kupetz (Hrsg.), p. 63-81, 2010.

CABRAL, M. S. S.; SOUZA, M. S, C. **A música como instrumento motivacional nas aulas de língua inglesa.** 2016.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CASTELL, S; LUKE, A. & MACLENNAN. On defining literacy. In: CASTELL, S. LUKE, A. & EGAN, K. (eds.). *Literacy, Society and Schooling: A reader.* Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

COOPER, R., BLELL, M., HARDY, R., BLACK, S., POLLARD, T. M., WADSWORTH, M. E. J., ... & KUH, D. Validity of age at menarche self-reported in adulthood. **Journal of Epidemiology & Community Health**, 60(11), 993-997, 2006.

CSLOVJECSEK, M. International commentary 18.4 **Flashes on Research and Practice in Integrated Music Education in German-speaking Europe.** Springer International Handbook of Research in Arts Education, p. 311, 2007.

DA VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos.** *Cadernos de Educação*, n. 45, p. 02-20, 2013.

EUGÊNIO, M. L.; ESCALDA, J.; LEMOS, S. M. A. Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional. **Revista CEFAC**, v. 14, p. 992-1003, 2012.

LOPES, Anchyse Jobim. **Afinal, que quer a música?** *Estudos de psicanálise*, n. 29, p. 73-82, 2006.

MIRANDA, N. S. **Reflexão metalinguística do ensino fundamental.** Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Faculdade de Educação. UFMG, 2006.

MUELA-MEZA, Z. M; TORRES-REYES, J. A. **Boletín Información Documental** Vol. 2 No. 1 del Centro de Investigaciones en Información Documental (CINFODOC) de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Autónoma de Nuevo León (Mexico). 2009.

NICKEL, Sven. **Funktionaler Analphabetismus-Ursachen und Lösungsansätze hier und anderswo.** 2002.

WACKENHUT, Sandra. **Zusammenhang und Interdisziplinarität von Musik und Sprache.** Grin Verlag, 2011.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.; NORONHA, O. M. **História da educação: a escola no Brasil.** São Paulo: FTD, 1994

BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM: é possível aprender brincando?

Cinthy De Cássia Gomes De Mello Rubio¹

Daniela Oliveira Araújo²

Me. Francisco Ramirez Martins Junior³

RESUMO: Esse artigo propõe uma reflexão sobre o brincar no processo de aprendizagem desde os primeiros anos de vida da criança e como a brincadeira é capaz de desenvolver o lado afetivo, social e cognitivo da criança através da interação com o outro e com objetos distintos, sendo brinquedos ou não. Trata-se de uma pesquisa de informações bibliográficas e exploratórias sobre a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança, mais especificamente da relação da brincadeira e da interação para a construção da sua própria imagem e da visão de mundo a partir da convivência com os grupos sociais em que está inserida e brinca. Durante a pesquisa foram analisadas referências bibliográficas e arquivos digitais. A leitura de diferentes autores expôs a importância do brincar de forma coletiva e/ou individual para a criança se desenvolver como cidadã e aprendiz da vida.

Palavras-chave: Brincadeira. Aprendizado. Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da possibilidade de utilização da brincadeira como forma de aprendizado para as crianças nas suas rotinas diárias e escolares.

Esse artigo foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica de autores que tratam da importância do brincar e aprender para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

Dentre os autores pesquisados, encontra-se nesse artigo, Gilles Brougere, Maria Kohl Oliveira e Izabel Galvão.

A artigo nos proporciona uma reflexão sobre a história da brincadeira, como foi utilizada e vista desde o início dos tempos e, a importância do momento lúdico durante as atividades diárias e escolares, além das consequências da falta do brincar para o desenvolvimento da criança, esses tópicos foram norteadores para a elaboração desse trabalho.

¹ Autor: Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da Rede Municipal da Prefeitura de São Paulo. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Paulista, Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Integrada Campos Salles, Especialista em Arte e Cultura Afro-brasileira na Educação pela Faculdade XV de Agosto, Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade São Marcos, Licenciatura Plena em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. cinthya.mello@gmail.com

² Orientador: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Especialista em Gestão Escolar pelo Programa de Pós-Graduação da UCA -Marília-SP. E-mail: daniela.araujo@uca.edu.br

³ Coorientador: Diretor Acadêmico da Faculdade Católica Paulista (UCA). Mestre em Comunicação. E-mail: francisco.ramirez@uca.edu.br

Antigamente o momento de brincar era considerado um ato desvalorizado para o desenvolvimento das crianças, porém após algum tempo e relatos e pesquisas de alguns estudiosos como Rousseau (1991), a brincadeira começou a ser vista como parte importante do processo de aprendizagem cognitiva, afetiva e social da criança.

Atualmente a brincadeira é utilizada para a socialização das crianças durante o período diário e escolar, mas sabe-se que a brincadeira diária possibilita uma melhor socialização e aprendizado afetivo e cognitivo não somente nas atividades dentro da escola, mas também nas atividades diárias em família, melhorando a relação da criança com o meio em que vive, seus familiares e grupos sociais, além de auxiliá-la no entendimento de pertencer a uma sociedade e a grupos sociais, construindo empatia e solidariedade e, ações cidadãs.

O aprendizado para a criança tem muito mais sentido quando transmitido de forma lúdica, ainda mais nos anos iniciais da sua vida. A criança aprende a andar, falar, organizar suas coisas, comer, de forma muito mais prazerosa quando o adulto torna esse momento um momento lúdico.

Com isso a reflexão feita nesse artigo expõe a importância da brincadeira não somente nas escolas para transmitir conteúdos planejados para as crianças de acordo com sua faixa etária, mas também utilizada nos momentos em família, com amigos e grupos sociais, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso e divertido para a criança.

Pensando nisso, a pesquisa feita, mostra que a brincadeira pode e deve ser considerada uma forma de ensinar diversos conceitos e valores, dentre eles o afetivo, social, e conteúdos pedagógicos para melhor desenvolvimento da criança.

2 COMO SURTIU A BRINCADEIRA

Existem vários registros e estudos em relação ao surgimento das brincadeiras e os diferentes jogos desde a Antiguidade.

Considerando os momentos históricos e sociais, as brincadeiras surgiram para suprir as necessidades daquela determinada população.

Na Grécia o jogo surgiu com a intenção educativa e pedagógica; nos Estados Unidos o jogo era utilizado com outro propósito, o de treinar executivos da área financeira; nos países africanos as brincadeiras tiveram influência de outros países europeus e no Brasil as brincadeiras são o resultado da cultura africana, portuguesa e indígena.

Podemos ressaltar que durante a Idade Média crianças não “existiam” socialmente, pois não exerciam nenhum papel social ativo e lucrativo para a sociedade em que viviam com exceção das crianças nobres que eram educadas como mini adultos para saberem se posicionar diante das demandas da vida social em que estava inserida e futuramente a sua vida adulta nesse grupo.

Após a Revolução Industrial a sociedade passou a ver a criança como um indivíduo que necessitava de cuidados e tinha suas necessidades específicas para se desenvolver e, com o desenvolvimento do Capitalismo surgiu o conceito de infância.

Essa infância agora era vista com caráter de proteção e fortalecimento da criança em desenvolvimento.

Figura 1: Jogos infantis



Fonte: Peter Bruegel. Jogos infantis, 1560. In: MICKLETHWAIT, 1997

Sabemos que a socialização da criança através da brincadeira e do imaginário é essencial para sua construção de mundo e realidade, além de desenvolver conhecimentos sobre a vida ao seu redor.

O brincar para a criança é natural, pois o lúdico lhe proporciona condições de assimilar e aprender sobre seu corpo, o outro, o meio em que vive e tudo que está relacionado com sua interação diária no espaço e tempo.

Embora a brincadeira tenha surgido há muitos anos, é recente a valorização e importância para tal atividade.

É importante refletirmos sobre o desenvolvimento da criança através do brincar não somente no espaço escolar, mas também no grupo familiar e social em que vive, não separando tal importância do envolvimento do adulto que se relaciona com essa criança; pois mesmo o adulto é capaz de aprender e desenvolver-se através da brincadeira.

A brincadeira é usada pelos adultos não somente para interação com as crianças, como também em treinamentos profissionais e momentos cotidianos da vida adulta, porém o adulto tem certa

dificuldade em experiência essa brincadeira com a leveza e interação que a criança o faz. Talvez por conta de suas responsabilidades e até mesmo pela construção de uma imagem criada através do esperado pelo grupo social em que vive, o adulto enxerga a brincadeira como “coisa de criança”, agindo muitas vezes envergonhado quando se vê numa situação de interação e descontração.

Mas isso é um assunto para outro artigo.

3 O LÚDICO E O APRENDIZADO

Para Piaget o desenvolvimento do indivíduo se dá considerando o seu crescimento e os valores sociais em que está inserido.

Para ele há uma troca entre os valores transmitidos pelo educador e a transformação do indivíduo durante o processo de desenvolvimento, essa troca só é possível durante a brincadeira.

Então, o aprendizado não deve ser somente construído com atividades em grupo, pois é preciso que o indivíduo saiba organizar seus conhecimentos, e assim, resolvendo situações e raciocínios com autonomia, isso fará com que ele perceba a importância do seu conhecimento para também auxiliar no aprendizado coletivo.

Para esse equilíbrio entre o aprender sozinho e ser ensinado, Piaget garantiu dois princípios para a educação: a criatividade e a sabedoria coletiva.

Sabemos que no ambiente escolar esses princípios acontecem, ou pelo menos deveria acontecer, para que os educandos se apropriem dos conteúdos transmitidos pelo educador de forma mais lúdica e assim, construindo um conhecimento mais sólido durante seu processo de aprendizagem.

Porém, a educação por criatividade acontece através do lúdico e assim, a criança é capaz de construir uma sabedoria coletiva quando compartilhada a brincadeira em grupo.

Wallon, defende que “a distinção entre o eu e o outro só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais.”, (GALVÃO, 2007, p.50)

Portanto, a importância do indivíduo interagir com o meio em que vive e com o outro possibilita um desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Assim, os jogos e as brincadeiras possibilitam a interação e a construção do conhecimento autônomo e coletivo, considerando o aprendizado transmitido não somente pelas pessoas do convívio do indivíduo, mas, também pelo educador que possibilita transmissão de valores e conceitos para o aprendizado desse ser.

Vygotsky afirma que “a promoção de atividade que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica.” (OLIVEIRA, 1997, p. 67).

Figura 2: Lembranças da minha infância



Fonte: Ricardo Ferrari – Série “Lembranças da minha infância” (2012) foto: Tina Carvalhães

O importante é refletirmos sobre essa função pedagógica, desassociando-a ao ambiente escolar, pois o aprendizado não acontece somente nesse ambiente, mas inicialmente no âmbito familiar e social que a criança vive muito antes dela iniciar suas atividades na escola.

O importante é sabermos que:

O brincar faz parte do processo evolutivo neuropsicológico saudável da criança. Manifesta a forma como a criança está organizando sua realidade e lidando com suas possibilidades, limitações e conflitos. Também introduz a criança de forma gradativa, prazerosa e eficiente no universo histórico-cultural. Através das representações simbólicas a criança aprende a expressar a forma como ela vê a sua realidade, e também como imagina que esta é ou como poderia ser (BARBUTTI; SILVA; ABREU, 2008).

Com isso, o momento de brincar é fundamental para o desenvolvimento afetivo e cognitivo, permitindo a criança de discernir a realidade em que vive e suas necessidades do imaginário, além de desenvolver habilidades de capacidade de vivenciar ações histórico culturais, construindo sua história a partir da história cultural já existente em seu ambiente e grupo social.

A brincadeira também possibilita a criança o olhar do todo, favorecendo seu aprendizado de fazer parte de um coletivo e como suas ações refletiram no outro.

Por isso a brincadeira é de tanta importância e tão estudada por profissionais não somente da educação como pessoas interessadas em compreender o desenvolvimento da criança de forma tão prazerosa, mas indiscutivelmente valorosa e significativa.

4 O BRINCAR NOS TEMPOS ATUAIS

A brincadeira nos tempos atuais é vista não somente como um lazer, mas, como um momento de socialização e de construção do imaginário e relação com o real.

Para Brougere (2010, p.104) “a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social”, pois ela não é natural, a criança aprende a brincar com outras pessoas do seu convívio, é cultural.

Desde muito pequena a criança tem em seu convívio, estímulos de brincadeiras que facilitam a sua relação social e desenvolvimento cognitivo e emocional.

É durante a educação infantil, nos primeiros anos, que a criança aprende de forma lúdica ações que será vinculada a sua vida cotidiana.

Essa brincadeira se dá não somente no ambiente escolar como principalmente no ambiente familiar em que vive. É através da brincadeira que se aprende a andar, comer, higienizar-se e conhecer o mundo.

Figura 3: Várias Brincadeiras



Fonte: Ivan Cruz. Várias Brincadeiras I

Moyles afirma que “a maior aprendizagem está na oportunidade oferecida à criança de aplicar algo da atividade lúdica dirigida a alguma outra situação.” (MOYLES, 2002, p.33). Assim podemos ressaltar a importância do brincar durante o desenvolvimento da criança desde os primeiros anos de vida e continuamente no período escolar.

Para Moyles (2002, p.33):

Por meio do brincar livre, exploratório, as crianças aprendem alguma coisa sobre situações, pessoas, atitudes e respostas, materiais, propriedades, texturas, estruturas, atributos visuais, auditivos e cinestésicos. Por meio do brincar dirigido elas têm uma outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades estendendo-se a um relativo domínio dentro daquela área ou atividade.

Portanto, o brincar tem o papel fundamental para o desenvolvimento da criança independentemente dos materiais ou objetos usados por ela, inclusive nas brincadeiras individuais e/ou nas dirigidas como cita o Moyles, pois através dessas brincadeiras a criança é capaz de construir o mundo real através do imaginário.

A importância da socialização durante a brincadeira é descrita por Moyles (2002, p 66):

Encaramos a socialização como o conjunto dos processos que permitem à criança se integrar ao “socius” que a cerca, assimilando seus códigos, o que lhe permite instaurar uma comunicação com os outros membros da sociedade, tanto no plano verbal quanto no não verbal. Acontece que pensamos que numa sociedade onde os objetos são, não só cada vez mais numerosos, mas também cada vez mais pregnantes, indispensáveis em numerosas situações de comunicação, mediadores onipresentes, eles também são vetores importantes no processo de socialização, muito particularmente através dos brinquedos, que são objetos específicos da infância.

O autor expõe de forma clara e significativa o valor da brincadeira para a elaboração da criança do viver em sociedade e como as ações das brincadeiras a remetem a essas ações cotidianas nos grupos sociais em que vive.

Muitas vezes para a brincadeira acontecer a criança faz o uso de algum objeto que será o brinquedo da brincadeira ou, em outros casos, o próprio brinquedo protagonista dessa brincadeira como bonecas e carrinhos.

“O brinquedo pode também ser objeto de investimento afetivo, de exploração e de descoberta, sem se inserir num comportamento lúdico. É a experiência das múltiplas relações sociais que são possíveis de construir um objeto.” (BROUGERE, 2010, p. 72)

Devemos refletir também sobre o papel que esse objeto tem na brincadeira da criança como cita o autor acima, pois através da interação com esse objeto a criança constrói sua realidade, desenvolvendo-se afetivamente e cognitivamente, e não necessariamente essa interação acontece durante uma brincadeira propriamente dita, as vezes a exploração do objeto revela uma experiência cognitiva para essa criança que estará se desenvolvendo pelo simples fato do manuseio desse objeto.

Vale lembrarmos também que os brinquedos e as brincadeiras se atualizaram com os anos, e atualmente os eletrônicos fazem parte das brincadeiras das crianças desde muito cedo.

A televisão proporciona uma interação lúdica, porém solitária e sem nenhuma socialização, o que é de extrema importância no desenvolvimento da criança como vimos acima nesse artigo.

Além da televisão, eletrônicos como celulares, tablets e computadores, agora fazem parte do universo de brinquedos das crianças o que dificultam ou muitas vezes anulam a socialização que teriam com brinquedos de outros materiais e funções.

É claro que a televisão não se limita a propor novos conteúdos para as estruturas da brincadeira. Através da cobertura que dá o suporte, por exemplo, ela promove, também, estruturas lúdicas que as crianças podem retomar, adaptando-as as condições específicas de um pátio de recreação ou da rua (BROUGERE, 2010, p. 57).

Assim, o uso da televisão nos tempos atuais pela criança propõe uma visão do imaginário e real que serve como ferramenta para suas brincadeiras, adaptações de socialização e construção do seu mundo.

Na realidade, a televisão influencia as brincadeiras na medida em que as crianças podem se apoderar dos temas propostos no quadro de estruturas das brincadeiras usuais. Nem tudo se presta a brincadeira! A brincadeira não aparece como uma imitação servil daquilo que é visto na televisão, mas em como um conjunto de imagens que têm a vantagem de ser conhecidas por todas, ou quase todas as crianças, de ser combinadas, utilizadas, transformadas, no âmbito de uma estrutura lúdica (BROUGERE, 2010, p.57).

Portanto, o brincar tem sofrido algumas transformações não somente em sua ação propriamente dita, como no uso de objetos para que tal brincadeira aconteça, além de ter sido adaptada pela forma como acontece, considerando a rotina e os espaços em que as crianças frequentam nesse momento.

Mas é indiscutivelmente relevante apropriar-se das brincadeiras com as crianças para que possam desenvolver-se e construir sua própria imagem e colaborar com a construção do ambiente em que vive.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brincadeira é um ato de interação com um objeto ou com o outro que permite relacionar ações do imaginário a vida real.

Ela acontece de forma mais natural nos primeiros anos de vida da criança quando um adulto interage com ela.

Assim o desenvolvimento da criança acontece de forma lúdica, pois o ato de brincar constrói uma relação afetiva e social, além de desenvolver o aspecto cognitivo dessa criança.

Antigamente a brincadeira não era vista como algo essencial no desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida, na sua infância, porém após alguns estudos e observações a brincadeira tornou-se algo importante e capaz de criar questionamentos entre os estudiosos e pais ao perceberem o avanço no desenvolvimento da criança quando exposta a brincadeiras.

A interação social que acontece durante uma brincadeira é capaz de construir uma imagem do real, em relação a ações cidadãs e solidárias para a criança envolvida, proporcionando –a condições de observar o outro e seu lugar no meio em que vive.

A troca de conhecimento e experiências durante uma interação social na brincadeira permite a criança um novo olhar, a construção do mundo, e, isso acontece pelas oportunidades durante a brincadeira de desenvolver o lado emocional e afetivo, o social e justo, a distinção do real e do imaginário, desenvolvendo-se cognitivamente e aprendendo a se conhecer, a conhecer o outro e o ambiente em que está inserida.

Nos ambientes escolares, o aprendizado é feito de forma lúdica principalmente durante os primeiros anos, durante a educação infantil, mas precisamos ressignificar essas brincadeiras durante todos os anos escolares, pois sabe-se que o conhecimento transmitido de forma lúdica tem melhores resultados nas crianças, pois conseguem apropriar-se desses conhecimentos e apreender conceitos e valores, conteúdos importantes para a formação escolar de forma mais agradável e significativa para cada um.

Independentemente do objeto utilizado para a brincadeira, a interação social e a construção de uma ligação afetiva e social com o outro e com o ambiente em que a criança vive é impreterível que se valorize o brincar não somente como ação de lazer ou utilizado para crianças pequenas nos seus primeiros anos de vida, pelo contrário, a brincadeira é mais que isso. Ela é uma ação necessária para construção de caráter social e afetivo, para apropriar-se de conhecimentos da vida, da natureza, dos grupos sociais, a brincadeira é o aprendizado de forma lúdica para aprender a viver, a conhecer, a questionar, a ser.

A brincadeira é algo nato do ser humano, ela é a essência da vida e do aprendiz.

REFERÊNCIAS

BARBUTTI, Rita Cristina Silva; SILVA, Mariza de Carvalho Póvoas da e ABREU, Maria Alice Lustosa de. **Ostomia, uma difícil adaptação**. Rev. SBPH. 2008.

BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e Cultura** – Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2010.

BRUEGEL, Peter. **Jogos infantis**, 1560. In: MICKLETHWAIT, 1997.

CRUZ, Ivan. **Várias Brincadeiras I**. Disponível em: <http://portal.metodista.br/brinquedoteca/dicas/artistas-que-retrataram-a-infancia/ivan-cruz>. Acesso em: 24 set. 2022.

FERRARI, Ricardo. Série **Lembranças da minha infância**, 2012.

GALVÃO, Izabel – Henry Wallon: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MOYLES, Janet R.; Tradução Maria Adriana Veronese. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Maria Kohl. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico** – São Paulo: Scipione, 1997.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Origem dos jogos e brincadeiras**. 202?. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/origem-dos-jogos-e-brincadeiras/32269>. Acesso em: 22 set. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução por Lourdes Santos Machado. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Revista EDUCA - Revista Multidisciplinar da Faculdade
Católica Paulista
Av. Cristo Rei, 305 Marília/SP
14 3422 1815 | revista@uca.edu.br

